

INCIDÊNCIA CONDENATÓRIA: MANOEL CONGO

*SOUZA, ALAN DE CARVALHO**

RESUMO

Senhor, Disputa, Condenação

O trabalho procura entender todo o processo que levou o escravo Manoel Congo, propriedade de Manoel Francisco Xavier, a condenação a morte pelo crime de homicídio e insurreição. O estudo aborda o período de fundação da vila de Paty do Alferes no ano de 1820 e suas implicações entre famílias da elite local em relação a localidade que seria edificado a sede da vila. Este é o ponto de partida para alcançar os laços familiares existentes que influenciaram diretamente na condenação do escravo em questão. A fuga ocorrida em 1838 reuniu mais de duzentos escravos de diferentes proprietários, mas a condenação por tal ousadia ficou apenas restrita aos escravos de Manoel Francisco Xavier.

ABSTRACT

Sir, Disputer, Condemnation

The work looks for to all understand the process that took the slave Manoel Congo, property of Manoel Francisco Xavier, the conviction the death for the homicide and rebellion. The study it approaches the period of foundation of the village of Paty of the Alferes in the year of 1820 and its implications between families of the local elite in relation the locality that would be built the headquarters of the village. This is the starting point to reach the existing familiar bows that had influenced directly in the conviction of the slave in question. The occurred escape in 1838 more than congregated two hundred slaves of different proprietors, but the conviction for such obsidian was only restricted to the slaves of Manoel Francisco Xavier.

* Universidade Severino Sombra

Entre muitos dos méritos que tem a obra *História de Quilombolas*, do professor Flavio dos Santos Gomes, relacionamos a forma como dimanou o movimento de revolta dos escravizados da região de Vassouras, em 1838. Seu trabalho desvelou a capacidade político-organizativa dos africanos e crioulos, ampliando o entendimento das várias formas de resistência escrava. Sua instigante forma de coletar e analisar as diversas informações, perceber nelas uma teia de significados e convidar o leitor a compreender essas redes, mas que informativa torna o trabalho provocativo e despertam novas questões.

Em nosso caso, algumas questões em particular se tornaram manifestas: A história de querelas políticas entre as famílias Xavier e Werneck (que já se arrastavam por aproximadamente vinte anos e tiveram interferência direta na história política da região), influenciou na forma como fora tratado o caso de fuga coletiva, suas repercussões e o desfecho dos processos de insurreição e homicídio que levaram Manoel Congo a morte. E o porquê o escravo Epifânio Moçambique, que pertencia a Paulo Gomes Ribeiro de Avellar, acusado de coordenar a fuga por conhecer os caminhos, não foi indiciado e desaparece do processo?

Para a compreensão das questões propostas, apoiaremos nossas análises nos dados coletados através dos livros de Atas da Câmara, Livros Paroquiais das Freguesias de Nossa Senhora da Conceição de Paty do Alferes e de Vassouras. Também procederemos a investigações em documentação jurídica de caráter civil (como inventários), criminais (como o processo de insurreição de 1838, o processo de homicídio que condenou Manoel Congo a forca e o caso de ofensas físicas movido contra o Cativo Adrião).

Começaremos a análise nas transformações ocorridas em Vassouras entre os anos de 1820 e 1840, que alteraram a densidade demográfica da região e a inseriu no rol daquelas áreas responsáveis pela produção de gênero destinado ao mercado externo. Tratava-se da implantação e ampliação da cultura cafeeira, que alterou a lógica produtiva e a relação de poder político e rede de influência na região.

A superficialidade dos estudos sobre a mudança do eixo econômico, político e cultural da região, que se deu com a implantação da cultura do café para o abastecimento do mercado exterior, abarcam a omissão, ou pelo menos uma vista meramente cronológica e liminar sobre a série de conflitos políticos que fizeram de Vassouras, um caso atípico na formação das cidades Brasileiras. As experiências de formação das cidades brasileiras apresentam certo padrão. Inicialmente estavam as freguesias e os povoados. Este segundo, a partir de seu desenvolvimento

seriam eretos em Vila e posterior cidade. O Caso de Vassouras se deu em modelo diferente. Foi transformada em Vila em 1833 e em comarca em 1835. Mas somente em 1837 é que foi instaurada a Freguesia. Este caráter atípico não se deu ao acaso. Vassouras, antes de transformada em Vila, era um povoado vinculado administrativamente a Vila de Pati do Alferes (1820), e, religiosamente, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Sacra Família do Caminho Novo do Tinguá, a segunda mais antiga freguesia da Região (1750). O que está em jogo neste momento, é mais que relatar esta exceção à regra, mas sim, compreender este processo enquanto uma construção social, que teve impactos na trajetória cultural e política da região. Para tal, se faz necessário retomar as lutas empreendidas no momento anterior, aquele que precedeu a instauração da Vila de Pati do Alferes.

A criação desta se deu em um momento que o café brasileiro não despontava na liderança do mercado internacional. As poucas unidades agrícolas da região estavam voltadas à produção de gêneros alimentícios que abasteciam a cidade do Rio de Janeiro e/ou a produção de açúcar que engrossavam as exportações do produto, que era produzido com maior vigor por Campinas e Campos dos Goitacás. Na região, três fazendas ocupavam papel de destaque, Pau Grande, Ubá e Freguesia. As duas primeiras, de longa data pertenciam a Família Ribeiro de Avelar se destacava na produção do açúcar e também funcionava como uma espécie de pólo irradiador da ocupação demográfica local, enquanto a terceira juntamente com a Maravilha, pertencente ao Manoel Francisco Xavier “*pela sua quantidade de terras cultiváveis e cultivadas, pelas suas numerosas escravaturas, que constituíam verdadeiros exércitos, indicavam grandes ou formidáveis riquezas!*”

É neste contexto que se desenvolveu e alargou as disputas entre os Werneck e os Xavier, que desempenharam papéis relevantes no caso da fuga coletiva que ocorreu na região em 1838.

Para PINAUD (1987,P.13 E 14),”no episódio de 1838, podia haver conflitos entre senhores locais, que acabaram por influir no desdobramento da repressão e julgamento. As autoridades e os fazendeiros da região, acusando o capitão-mor de “má administração” de suas propriedades, deram o tom das investigações e do julgamento”. (PINAUD, 1987 : 13-14)

Anterior a este, as duas famílias foram protagonistas de várias disputas políticas que inibiram o desenvolvimento administrativo da Vila de Paty do Alferes. A criação da Vila, deveria ter sido efetivada em 1816, nas terras da Fazenda da Freguesia. Manoel Francisco Xavier conseguiu reverter este quadro, fazendo tirar a sede da vila de sua propriedade, e ainda, conseguiu a função de Capitão Mor, da mesma. As disputas entre as famílias locais quanto ao local da criação da Vila retardaram sua criação em quatro anos. A partir de então, as disputas se acirraram. Manoel Francisco Xavier desviou, das terras de sua fazenda, a estrada usada pelos Ribeiros de Avelar para escoar a produção, essa disputa em torno da estrada arrastou por longo tempo e acabou sendo um dos motivadores da transferência da Vila para o Povoado de Vassouras,

“após o fracionamento da então vila de Pati do Alferes. À época, uma engenhosa manobra política dos grandes da região liderada por Francisco José Teixeira Leite (futuro barão de Vassouras) que, intercedendo com habilidade junto à regência Permanente, não só conseguiria o decreto favorável à criação da vila, como também faria com que Pati do Alferes, além de ser rebaixada, passasse a fazer parte de seu termo na condição de freguesia” (GOMES,1995: 200).

Em paralelo a estas disputas, o adensamento de cativos na região e a modificação da estratégia, e do gênero produtivo tiveram interferência direta na vida destas duas famílias que eram, entre algumas outras as mais antigas e influentes da região.

Entre os Xavier, se destacou o Manoel Francisco Xavier, que além de conseguir retirar dos projetos da Coroa a construção da Vila de suas terras, ainda se tornou Capitão-mor. Proprietário das Fazendas da Freguesia e Maravilha, de onde partiram a maioria dos cativos envolvidos na fuga (porem não todos), e senhor de 100% dos cativos indiciados no processo de insurreição de 1838, e de 80% dos escravos citados no mesmo processo, “O proprietário se tornou réu na voz da opinião pública. Um julgamento evidentemente simbólico, marcado por ritual de críticas e censuras. Como pena teve a condenação de somente seus escravos”.(RAPOSO, 1978: 24)

Entre os Werneck, encontramos João Pinheiro de Souza Werneck, Juiz de Paz da Freguesia e que após ser informado da fuga, oficiou a outro Werneck, o então coronel-chefe da Guarda Nacional, Francisco Peixoto de Lacerda Werneck. Sob o comando destes dois foi reunido

6

um enorme contingente militar, quase duzentos homens fortemente armados. Em sua estratégia Militar, Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, divide estas forças militares em quatro divisões distintas, cada qual com um comando, e estas quatro divisões foram subordinadas ao tenente-coronel Manoel Gomes Ribeiro de Avelar, irmão de Paulo Gomes Ribeiro de Avelar, sendo este segundo, o proprietário dos quase 80 cativos que seguiram para a mata para se juntarem aos escravos de Manoel Francisco Xavier na fuga. O irmão do tenente-coronel também era o senhor possuidor do escravo Epifânio Moçambique, citado no processo como um dos *cabeças* do levante.

No novo quadro social e político que estava sendo desenhado na região, os Werneck e os Ribeiros de Avellar mantinham importantes laços de compromissos comuns e afinidades próprias, que uniam as famílias através de relações políticas, comerciais, de compadrio e casamento. Neste quadro, analisamos, ainda hipoteticamente, que parte da trama da estratégia organizacional dos cativos da região, suas redes de contato, seus vínculos de solidariedade e sociabilidade foram ocultados, tanto pelos cativos envolvidos, como pelos membros da elite local, que assim, tiveram a oportunidade de por um lado, julgar e condenar, junto com Manoel Congo e o evento de resistência cativa, o próprio Manoel Francisco Xavier num dos últimos capítulos de suas querela políticas com os Werneck, e por outro lado, ao reduzir o arco político social organizacional dos cativos, tiveram a oportunidade de reforçar os vínculos entre Werneck e Ribeiro de Avellar.

Referências Bibliográficas:

BORGES, M. F. *Protagonismo e Sociabilidade escrava na Implantação e Ampliação da Cultura Cafeeira em Vassouras, 1821-1850*. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História da USS. 2005.

GOMES, F. S. *História de Quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro – Século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

PINAUD, João Luiz Duboc et al. *Insurreição negra e justiça*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura; OAB, 1987.

RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói, SEEC, 1978.

STEIN, S. *Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1990*, 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.